

LER E ESCREVER ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX: MÉTODOS, LIVROS E CONCEPÇÕES

Fernando Rodrigues de Oliveira

Universidade Federal de São Paulo
fernando.oliveira13@unifesp.br

Cláudia Panizzolo

Universidade Federal de São Paulo
claudiapanizzolo@uol.com.br

Num presente em que ainda se faz urgente debater sobre as alternativas e os caminhos para a necessária superação do persistente fracasso escolar em alfabetização e, em especial, tensionar e combater os inimagináveis retrocessos com relação às políticas mais recentes destinadas ao ensino inicial de leitura e escrita no Brasil, qual a razão para um dossiê de caráter histórico?

Como explica Marc Bloch em seu principal trabalho sobre o ofício do historiador, a “ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação.” (BLOCH, 2001, p. 63). Dessa forma, as tradições que perpassam as práticas e concepções de alfabetização e que se fazem presentes, ainda hoje, no cotidiano das escolas indicam que a “[...] distância temporal que nos separa do passado não é um intervalo morto, mas uma transmissão geradora de sentido”, por isso, “[a]ntes de ser um depósito inerte, [essa] tradição é a operação que só pode ser entendida dialeticamente na troca entre o passado interpretado e o presente interpretante. (RICOUER, 1985, p. 210).

Em face desse entendimento, este dossiê, composto por nove artigos, tem como objetivo contribuir para a ampliação do conhecimento já acumulado no campo da história da alfabetização no Brasil, ao mesmo tempo em que visa a fomentar as discussões sobre o lugar do trabalho historiográfico nas ciências da educação e nas reflexões sobre métodos, teorias e práticas pedagógicas concernentes ao ensino inicial da leitura e da escrita. É entendimento aqui que o conhecimento sobre a história da alfabetização é indispensável para atuarmos de forma crítica e consciente na construção do futuro, de modo que possamos, como assinala Anne-Marie Chartier (2011), produzir propostas de reforma escolar, elaborar ferramentas didáticas e formar as futuras professoras do país.

O artigo que abre o dossiê, “Ler, escrever e assinar nas reformas eleitorais do século XIX”, de autoria de Camila Cristina de Castro Teixeira e Ana Maria de Oliveira Galvão, analisa como as capacidades de ler, escrever e assinar são apresentadas nas normas eleitorais brasileiras, editadas no século XIX, com o objetivo de compreender o processo de exclusão do direito político das pessoas analfabetas.

Em seguida, Samuel Luis Velázquez Castellanos, no artigo “Leitores deslegitimados, leituras anônimas e livros de leituras de autores maranhenses na imprensa local (1822-1889)”, aborda a maneira pela qual a imprensa do Maranhão e os livros de autores dessa Província referendam práticas leitoras marginais e leitores deslegitimados pela história oficial ao longo do século XIX.

Já Cesar Augusto Castro, Carlota Boto e Justino Magalhães, em “O espaço escolar e as ‘alfaias’ para o ensino inicial da leitura pelo método português de António Feliciano de Castilho”, analisam os espaços e os artefatos a serem adotados nas escolas para aplicação do método Castilho para o ensino inicial da leitura, da escrita e do bem falar de forma rápida e aprazível.

Também com enfoque num método de ensino, o artigo “O *methodo rápido para aprender a ler* de João Köpke e as polêmicas em torno da soletração, silabação e palavração (1874-1879)”, de Cláudia Panizzolo, discute aspectos do conteúdo e da materialidade das cartilhas de João Köpke, o *Methodo rápido para aprender a ler* (1874) e o *Methodo racional e rápido para aprender a ler sem soletrar* (1879), de modo a compreender os modos de processar os métodos para o ensino da leitura, propostos por esse professor.

De modo semelhante ao anterior, o artigo “Antonio Jacobina e o *Syllabario nacional ou novo methodo para aprender a ler* (1883), de Juliano Guerra Rocha e Francisca Izabel Pereira Maciel, aborda aspectos da vida do professor e político Antonio de Araujo Ferreira Jacobina e analisa o método de leitura por ele apresentado no livro *Syllabario Nacional ou novo methodo para aprender a ler* a partir do enfoque em sua materialidade, organização didática e pressupostos que subsidiaram as lições.

Ainda com enfoque no século XIX, Terciane Ângela Luchese, Kariane Vendramin e Priscila Ghel- lere, no artigo “Uma gramática de italiano impressa no Rio Grande do Sul: aproximações da história do livro escolar produzido para escolas italiana (1896)”, analisam a produção e a materialidade da *Grammatica Italiana per le scuole*, produzida por G. Bizzarri, a qual empregava o método “moderno” de ensino da língua para a escolarização de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Com enfoque no debate sobre a alfabetização entre o final do século XIX e início do século XX, Fernando Rodrigues de Oliveira, em “Benedicto Maria de Tolosa e defesa do ensino da leitura pelo método analítico”, lança luz sobre aspectos até então desconhecidos sobre a atuação do inspetor escolar Benedicto Maria de Tolosa e sua defesa em favor do ensino inicial da leitura pelo método analítico registrada em artigos pedagógicos por ele produzidos, bem como a sua *Cartilha de Alfabetização*, publicada em 1923.

Maria Mortatti, no artigo “Antonio Firmino de Proença: escritor didático e a *Bella Époque* educacional paulista”, tematiza o lugar do professor Proença na história da alfabetização nas primeiras décadas do século XX, de modo a analisar sua *Cartilha Proença* e as interlocuções diretas e indiretas dessa com as cartilhas de outros professores publicadas no mesmo período.

Para encerrar o dossiê, Estela Natalina Mantovani Betoletti, em “*Cartilha maravilhosa*, de Theobaldo Miranda Santos: a alfabetização por meio de contos de fadas”, apresenta uma análise de *Cartilha Maravilhosa* – aprendizagem da leitura através dos contos de fadas, de autoria de Theobaldo Miranda Santos, publicada em 1965, de modo a demonstrar que, embora esse livro escolar antecipe reivindicações posteriores quanto ao uso do texto literário na alfabetização, ela se insere no movimento histórico do ensino da leitura, em faz uso dos textos literários para produzir bons cidadãos.

Esperamos que este dossiê possa impulsionar leituras instigantes e esclarecedoras sobre o passado e o presente da alfabetização.

Os organizadores

BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CHARTIER, A. 1980-210: trinta anos de pesquisa sobre história do ensino da leitura. Que balanço? In: MORTATTI, M. R. L. *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa 3: o tempo narrado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.